

Essa planície sedenta de obstáculos, que lhe amenize a tortura da calmaria!

Na pequena estria do humilde regato, a música do líquido transparente, assemelha-se ao murmúrio apaixonado de quem implora uma esmola de amor.

A vastidão do deserto verde, parece bem o altar onde foram sacrificados os obstáculos carinhosos da sonoridade encachoeirada dessa súplica de idílios.

Nem sequer a passarada nos oferece a repulsa da

C  
O  
N  
T  
E  
M  
P  
L  
A  
Ç  
Ã  
O

nossa presença; muito menos Eolo se agita para alegrar-nos!

Primando pela ausência, os elementos atmosféricos quedam-se nas poltronas dos cirrus a deliciarem-se com a agonia escaldante dessa campina estuante de desejos insatisfeitos.

As êmas com os seus longos passos, parecem lançar um desafio às distâncias, logo que descobrem o vulto de estranhos à sua espécie.

Nessa plataforma, onde a visão esmorece pela rarefação do salo ao zênith, pode-se bem avaliar a imensidão do volume de contraste dos fenômenos que correm paralelos para o objetivo do infinito.

Não será portanto, pela aplicação das teorias dos moralistas de recalque, que essas realidades deixem de fazer parte intregante duma filosofia pura, em marcha, excluída desse sabor de piedade contraproducente, a que, infelizmente, nos acostumamos a bemdizer-lo. E na rapidez do veículo.

# Sarã

JUNHO de 51 Nº 3

Wladimir Dias Pinto

Diretores: Othoniel Silva

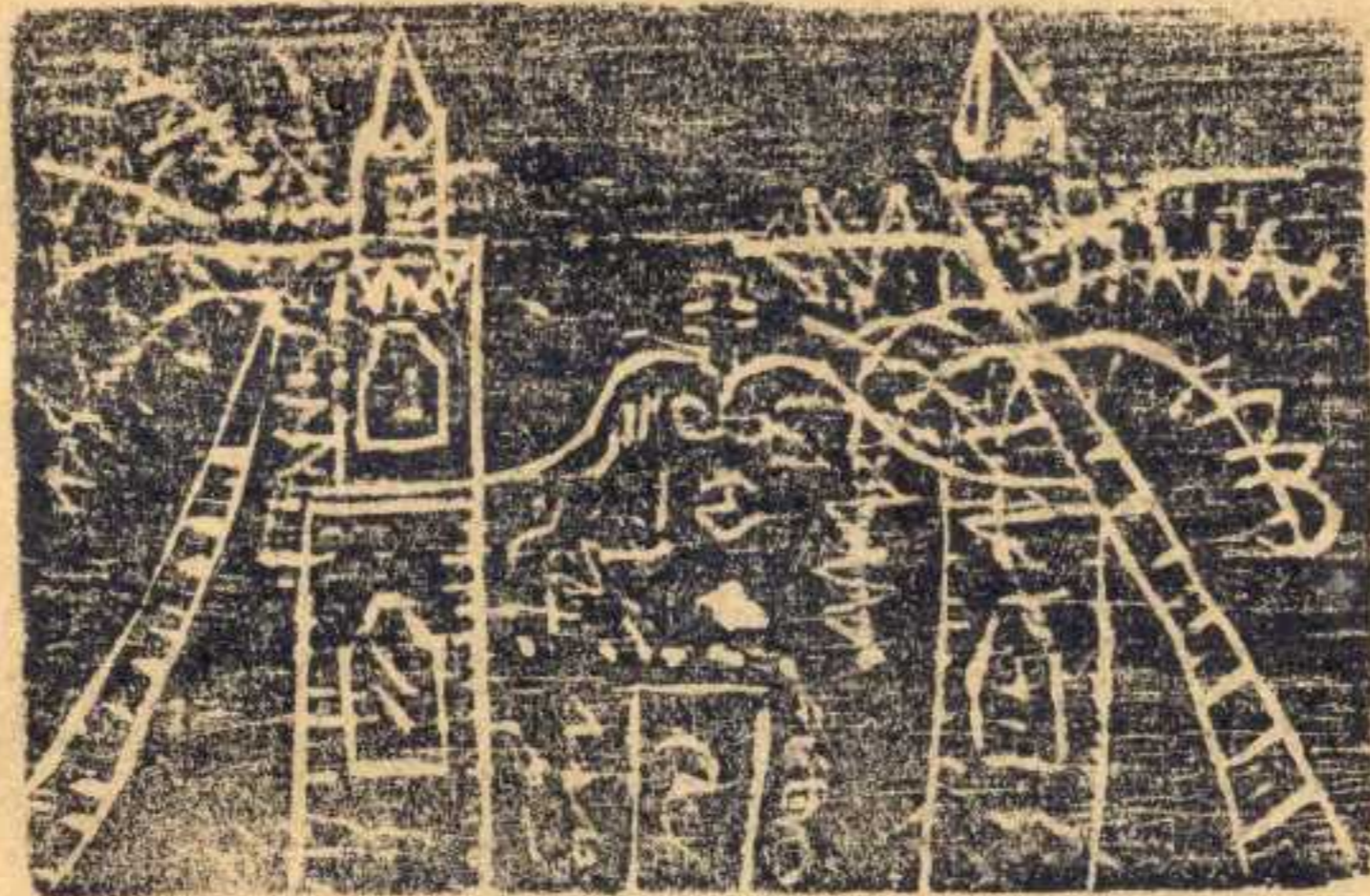
Rubens de Mendonça

R. Pedro Celestino n. 387 Cuiabá Mt

que nos condúz, acha-se expressa, de forma concreta, essa necessidade incorporéa de avassalar o TÓDO, subjugando-o á nossa vontade mesquinha.

O instinto de reação da Natureza em luta com os sonhos das varias espécies, aí se encontra na amplidão dos desertos.

A poeira com sua cari-



## CUIABA'

Rubens de MENDONÇA

O Bandeirante calçou a bota de sete léguas e foi invadindo o sertão

—o—

Escravizando índios!...

—o—

Pascoal Moreira

"Queria" era braços para trabalhar!...

—o—

Êsse negócio de ouro era pura "invenção", porisso o Pascoal "queria" índios e índias.

—o—

Uma bugra bonita

fez o velho Paulista ficar nesta terra e como desculpa fundou CUIABÁ

cia sufocante; a alta temperatura, com sua escaldante volúpia; os cactus, com a alegria diabólica das suas larpas venenosas; os insetos, no seu divertimento de saborear o líquido vermelho da vida; os ofidios, enrodilhados na perspectiva do bóte, que facilita-lhes enterrar as prêsas, cheias de morte, nos seus inimigos; os aracnídios, escondidos sob a folhagem sêca e húmida, sempre dispostos a largar o pêlo nojento das patas; emfim, todos os elemen-

O  
T  
H  
O  
N  
I  
E  
L  
S  
I  
L  
V  
A

tos, pela auto-defesa, conspiram — a nosso vêr — contra êsse impoluto e absoluto Sér, o Homem, apenas por se haver, espontâneamente, feito credôr de tanta «afeição».

Com a sensação do volante na mão e o deliciaimento da velocidade, fiz me vêr, de longe; cousa estranha: -- éramos monstros de destruição, arrazando o LAR e ceifando VIDAS, além de enodoar, com nossa presença, a plenitude daquela "Habitat" em marcha.

A sinuosidade da estrada era gritante e tremenda, na comparação da vida que ali se sentia, com essa outra vida que nos deliciamos, sôbre o espelho das grandes metrópolis.

Então, interroguei: — QUE SOMOS, PARA ÊSSES QUE ALÍ VIVEM NA PLANÍCIE VERDE-JANTE DOS DESERTOS?

(Lembrança duma viagem a Poconé, em 10 de Maio de 1951.)



**Música suave**

Música suave dos crepúsculos de seda, abre as flores da tarde...

Música suave dos ninhos, pulsem todas as cordas da tua sonoridades...

Música suave das fontes, canta no milagre perene das tuas generosidades...

Música suave do vento, diz que a tempestade passou...

Música suave da porta hospitaleira, exala a canção dos teus gonzos que se abrem...

Música suave da noite, abre o teu manto de estrelas...

Música suave dos trigais em flor, derrama-te no oferecimento das tuas abundâncias infinitas...

Música suave do mundo, músicas de todas as alturas, de todos os abismos, de todas as côres, de todos os tons, derramai-vos sôbre o mundo, inundai todos os que passam!...

E vós, que passais e vos impregnastes de todas essas músicas suaves, vinde ao meu coração, e me dizer que elas inda jorram dos longos silêncios e das amarguras do mundo.

**DE J. A. NÉTO****Altivez!**

*Não beijes a mão que te lançou a pedra -- serias covarde!*

*Mas, igualmente, não devolvas a pedra ao apedrejador -- sê ativo!*

**INQUIETAÇÃO***Leal de Queiroz*

Alta noite, indo pela rua ressonante de vazio, caminho atordoado.

N' aquela embriaguês de inquietude, alguém toca frouxo minhas espaldas, volvo a cabeça e vejo, apenas, as restas de uma luz alucinada.

Escalo meu solar tapera, onde intruso sêr algum respira ao meu redor e ouço meu nome...

Até pode chegar-me êsses chamados, quando trafego no meio das gentes desconhecidas; como se algum anelo deserdado se abrigasse no aconchego dos meus sonhos, querendo prenetrar-lhe seus segredos, em demanda de hospitalidade:

talvez, um viajante extraviado na neve, que acode ao reclamo da fogueira, rondando naquela solidão...

Seus gestos não se vêm, os golpes e vozes não se ouvem...

Êsses mesquinhos andarilhos, que reclamam sem ser ouvidos, são saudades anciosas de se fazerem recordar...

Recordações desencarnadas de alguma alma penitente palpando aqui,

acolá,

a refrescar o seu cadinho de amor...

**Rumo**

Quando passaste, eu ví que ias muito apressado tropeçando em todas as pedras, sujando-te em todas as poças de lama.

Quando passaste, eu ví que teu passo era sobremaneira largo...

E eu te perguntei:

—Por que vai teu passo, assim tão largo?

E tu me respondeste:

—Que te importa a largura do meu passo? Porventura, ando eu com tuas pernas?

Evidentemente, eu nada tenho com a largura do teu passo. Em verdade, o que me preocupa é o porque andas tão depressa; é o fim para onde o teu passo te arrasta.

Ah! amigo meu, tristes e dîgnos de lástima, os que não cuidam dos seus passos!

Desventurosos os que não compreendem que os pés são as rodas da vida! Olha bem para onde eles te conduzem! Procura ver se, na tua pressa, não pîsas as flores da alma. Vê se não ficam manchas de sangue, onde desejarias ficassem os teus rastros!

Precisamos todos ter olhos nos pés, como os cegos.

O que mais me agonia, e não atentares nisso: os pés são as rodas da vida!

**Construtora Comércio Ltda.**

UMA ORGANIZAÇÃO ESSENCIALMENTE CUIABANA, A SERVIÇO DE MATO-GROSSO

**Construções civis em geral. Projéto. Venda de material de construções. R. Antônio Maria N. 58**

Cuiabá

Mato-Grosso



O Crepúsculo vai chegando de mansinho. Da catedral vizinha, ouve-se a hora do ângelus. Tudo queda-se tranquilo. Somente o murmúrio de vozes, que aos pés da Santa, põem-se a rezar. E o véu da noite, enlaça de todo o céu que me cobre. A cidade a meia-luz, é um convite á prece. Traz aos olhos quadros incompreensíveis. E faz-se ouvir a vóz nostálgica do sino, mostrando aos fiéis que é chegada a hora finda das fervorosas preces.

A igreja nesse instante se esvasia. Nos rostos outrora contritos e alheio ás maldições terrenas, agora tem um toque diferente, e procuram ambiente que os traga um sorriso nos lábios e um frémito no coração. Nervosos recantos... poéticos panoramas fazem parte dos programas noturnos.

Agora, a catedral está só. E a passos misteriosos, tragando a viração calma com que brinda-me a Natureza, chego até a porta; vasculho com os olhos em derredor, e por fim, decido-me. Entro, tudo é misterio, nada compreendo. Meu olhar procurando pairar no palpável, encontra-se com os misteriosos olhos da Virgem... Paro, analizo. Menos compreensão....

No sibilar dos lábios escorrega mansamente uma prece. Mãe de todas as mãis; poderosa Rainha de poderes infinitos.... Chego até vós, destroçando o meu or-

# A PRECE

Arnaldo M. Leite

gulho de homem, e Te te esta confissão, por-  
ofereço uma prece. Per- que na Terra iriam sor-  
doai-me Senhora. Faço- rir de mim.... O sorriso

## ENTRELINHAS

Escrevendo: SILVA FREIRE

Aos venerandos mestres:

Alfredo Borges e Antonio Ferreira

AQUELA CADEIRA PREGUIÇOSA  
QUE O VELHINHO REUMATICO,  
TODA AS TARDES,  
COM RAROS CARINHO E PACIENCIA,  
AGEITA A PORTA DA RUA...  
AQUELA CANSADA PREGUIÇOSA  
QUASI QUE TODA AMARRADA  
—COM CORDÕES EMENDADOS... SUJOS...  
E O VELHINHO A CALÇA-LA,  
E A NIVELAR OS TIPOS BAIXOS DO PASSEIO,  
LEMBRAM-ME OS RODAPÊS  
DO MEU PANFLETO PROVINCIANO...  
TRZEM-MÊ SAUDADES

## MILAGRE

João Antonio Neto

Milagre, é o imenso deserto ser feito de pequenos grãos de areia!

Milagre, é a gotinha salgada denunciar a existência do amplissimo oceano!

Milagre, é a minima réstia de sol trair a grandeza do universo!

Milagre, é ter a terra separado os homens e terem os homens unido a terra!

Milagre, é conseervar o irremediavelmente perdido e esperar do perpétuamente adiado!

Milagre, é dizer que tudo é mau e ver o chão restituir uma semente insignificante, redobrada, contuplicada em celeiro copioso!

Milagre, é ter o homem feito do sonho o oráculo da verdade!

Mas, o maior, o mais estranho de todos os milagres; o milagre que me emudece; o milagre que me assombra, é este:

— O homem caber dentro do homem!

e a hipocrisia são os governantes desse Mundo. Mãe Celestial, vêm em meu auxílio; eu preciso de Vós,

Nêsse instante eu já sentia a vóz embargada, muito grave e um pouco medrosa, mas, os Seus olhos ao se deparar com os meus, encorajava-me, e eu prosseguia... Senhora, eu a amo... eu quero-a para mim. Ela é indiferente... A minha vida é ela. Ela é o meu maior tesouro.

Mãe Suprema, fazes volta-la para mim. Serei vosso eterno devoto.

Senhora, ela era minha, mas alguém m'a roubou. Hoje eu vivo só e aqui estou aos Vossos pés, implorando de mãos postas, para que faças o milagre da sua volta. Vejo-a agora em outros braços de quem não teria direito... Que mal fiz eu? Senhora, se pequei, perdoai-me... Júro nunca mais... Prometo ser criado vosso... E tudo mais...

Traga-m'a outra vêz...

Num brilho discreto dos seus olhos multicores, parecia ter vida e falar comigo. Sim, eles falavam comigo. Mas eu não entendia. Seus lábios pareciam rir... Seriam meus olhos baços que punha-Lhe aquela expressão? Não Ela ria comigo. Compreendí. Obrigado Senhora. Mil vezes obrigado. Eu sabia que virias a mim. Eu sabia que m'o perdoarias. Agora sim, já não serei tão infeliz quanto outróra. Esperarei, esperarei...

Adeus Senhora mil perdões.



# Vesperal de Calouros Cuiabanos

*Crítica de OTHONIEL SILVA*

Cuiabá — a Cidade Verde — está de parabens, com a estréia, no dia 27 de Maio ultimo, no palco do Cine-teatro Cuiabá, do programa de calouros de rádio.

Sob a dinâmica direção de José Otero e Amaral Júnior, são dignos de elogios, todos os elementos que procuram demonstrar de fôrma concreta, o valor artístico da nossa gente.

Eis portanto, um admiravel aviso-prévio do que podemos fazer em matéria de rádio e teatro, sem a necessidade crônica da importações de cartazes internacionais.

Precisamos—e isto é um dever que se nos impõe—valorizar e amparar êsses heróis, quasi anônimos, que, num desprendimento, aventuram-se a suportar a crítica, nem sempre honesta, dos eternos insatisfeitos, porém, completos desconhecedores dos ideais que animam e movimentam todos os que se esforçam pela perfeição.

A frequencia ao Cine Cuiabá, na manhã do dia acima, fôra satisfatória para os seus realizadores. Poderia ser melhor!

Além do conjunto musical dos "Cancioneiros do Oeste", salientamos os números apresentados por:—

A dupla Maria Helena—Antônio Silva, que prometem bastante no gênero da nossa música popular—o samba.

A lourissima e atrativa Lourinil Figueiredo, com o aveludado da sua vóz equilibrada, faz-nos lembrar perfeitamente Christina Maristani.

Maria Canavarros, pretende aproximar-se de Cdete Amaral, não fosse ainda um pouco do seu retraimento.

Amaral Júnior, poderá ser um dos melhores animadores de programas dessa espécie, tanto neste Estado como no Paiz, faltando-lhe apenas um traquejo mais apurado.

Não precisarei referir-me ao coeficiente artístico desse José Otero, já considerado o melhor cantor Matogrossense.

Dos calouros propriamente ditos dentro do programa, sobressairam-se:

Cláudio L. Cerqueira, um garôto com pretensões de ser um forte concorrente do Bobe Nelson.

José Loureiro, interessante apresentação num ritmo de baião, que daria esperanças ao Luiz Gonzaga.

Osmar do Couto, uma bôa promessa de imitação do príncipe da mocidade, êsse Bobe Nelson.

Benedita Rosa, apresentou-nos "Casinha Pequeninã", em ritmo de baião, dando-nos uma agradável lembrança de Isaurinha Garcia.

Não poderei classificar de perfeita, a apresentação do programa. De fato, houve alguns senões de pequena importância, dentro do sentido relativo, cujos defeitos devemos relevar, pois que, assim, animaremos essa rapaziada que agora começa com vontade de vencer.

Tambem, por esta Cuiabá tem passado tanta cousa.....

Fazemos votos que o concessionário do Cine-teatro Cuiabá, compreendendo o alcance de iniciativas dêsse genero, se resolva aparelhar convenientemente a única casa de espetáculos da Capital Matogrossense. O serviço de alto-falante interno, fôra precarissimo, si bem que, para transmissão externa, nada houve á reclamar. Tambem faz-se preciso um "palmômetro" bem como a publicidade logo no inicio das sessões de cinema, diárias.

Parabens á essa turma que nos brindou com 120 minutos de agradável distração, numa matinal domingueira digna de que se repita por muito tempo.

## CAIXA ECONOMICA FEDERAL DE MATO-GROSSO

GARANTIDA PELO GOVÉRNO FEDERAL

SÉDE, RUA BARÃO DE MELGAÇO 732

DEPÓSITO POPULARES

Movimentos livres por Cheques e Caderneta

Depósito inicial

Cr\$. 5,00

Lím te máximo para rendimento de juros Cr.\$ 50.000,00

Depósito em continuação

Cr.\$ 1,00

Taxas de juros (capitalizados semestralmente) 5% ao ano

Expediente diário das 9 ás 11,30 e das 13,30 ás 16,30 horas

Aos sábados um só expediente das 9 horas ás 11,30 horas



—(Trecho inédito do "LIVRO DE ESTAMPAS")—



## Historia dos

Itararé que, desde a revolução de 1930, adquiriu fôros de logar histórico, já de muito, na minha crônica sentimental, vivia marcada por um episódio inesquecível, dêsse que deixam sulcos profundos que ficam para sempre no cerne vivo da nossa emotividade.

Foi em 1911, nos meus dourados vinte anos, que Vicente de Carvalho, com razão, situa como a idade por excelência do amor:

Primavera vivida  
de amar e ser amado aos  
vinte anos em flôr  
Entrada triunfal do cora-  
ção na vida,

Amor, amor, amor!

Até o dia tenho-o guardado, pois cuidadosamente o anotei nos meus apontamentos íntimos: 20 de maio. São quarenta anos, portanto daquele passo, e é como si fosse ontem, tão forte e viva foi a impressão que me ficou.

Partira, muito cedo, de S. Paulo, pela Sorocabana, devendo permanecer na localidade fronteira, á espera do noturno vindo de Curitiba, que por ali pas-

saria altas horas da noite. Chegamos já com o escurecer. O inverno, duro êsse ano, naquelas paragens do sul, já era bem intenso e fazia um frio seco e cortante, com vento rijo e um ar gelado. Ti-

### José de Mesquita

nha de passar cerca de quatro horas á espera do trem.

Sózinho num lugar a que ia pela primeira vês, pensava em como ocupar da melhor fôrma o tempo, já que não seria nada agradável permanecer na estação deserta e varrida por uma rajada cortante, que devia ser uma espécie de minuano, vindo dos pampas. Pus-me a andar pelas ruas silenciosas em busca de algum abrigo, um café, um bar, ou cousa parecida, Foi então que encontrei aquela creatura, que ao meu espírito saturado de intensa inspregnção romântica, me pareceu uma dessas maravilhosas criações de Musset, cuja leitura deliciava, por êsse tempo, os meus

## VINTE ANOS

serões de adolescente, Chama-se Maria Cândida.

Contou-me, em breves traços, sua historia: era paranaense, tinha, como eu, vinte anos, dos quais

três já lhe decorriam nessa vida de aventuras, a que o destino a havia fadado. O seu tipo era sobremaneira singular: morena, de olhos verdes, esguia e nervosa, deveria ser uma estranha mescla de sangue indígena e estrangeiro, flôr de curiosa enxertia de raças bem diferentes.

Nosso diálogo inicial lembrou-me aquele interessante começo do romance e admiravel de Daudt—Sapho—o encontro de Jean Goussin e Fanny, no fundo do atelier de Dechelettse.

O apito do trem me despertou como de um sonho, e corri, desabaladamente, para vencer os duzentos metros que me separava da estação.

Nunca mais voltei a Itararé, nem vi Maria Cândida. Aqueles momentos furtivos e doces, vividos a seu lado, jamais se me apagaram da memória e no meio de inúmeros episódios análogos, que pontilham o meu itinerário sentimental, nenhum se equipara a êsse, tão breve e fugidio, mas tão repassado de uma imensa e imourdura poesia.

Tudo concorria para isso: a idade, a paisagem, o espirito de aventura, tão do meu temperamento e, sobre tudo, a profunda efusão de sentimento humano, de que sentia cheia aquela creatura extraordinária.

Tive a impressão de que havia, naquêlê encontro, como atingido á plena e absoluta felicidade, numa integral recuperação do meu Sêr.

O que é a felicidade, afinal, sinão êsse contáto efêmero e quasi instântaneo, em que dois sêres, vindos de muitos rumos, e partindo para destinos bem diversos, parece realizar, na teoria goetheana das «afinidade eletivas», um momento de êxtasse em que, no dizer do Poeta:—

Os dois corpos são toda a natureza,  
As duas almas são todo o infinito.....

O passado da nossa literatura, na verdade, é quasi um boato, e como todo o boato tem uma unhinha de verdade, essa unhinha, por certo, é Lobivar M'êes Pedro Medeiros e algumas vêzes Antonio Tolentino que foi - é bom que se diga a melancia da nossa literatura (82% de água - reflexo em fruta).

Nossa Cultura é um Adão e a literatura a folha de parra. O mais pobre e desundos dos Adões.

Adão pobre e, porisso mesmo, de braços cruzados como quem tem frio. De pernas cruzadas. Poss e imóvel de quem vai, eternamente, tirar fotografia para comemorar centenário. Posse de estatuetta de Cr\$5,00.

Sem comunicação até com Eva. A nossa literatura não se afasta dos modelos em verdadeira e pequena cabotagem.

Pobre coitado - sombria como um corredor em caracol. É redonda como um zero. Sem pon-

tas. Exata. Quer dizer éco.

Longe, bem longe - dum? - gráfico. Frouxa. sem consolo.

Pois bem: desse muro sujo,

## INTENSIVISMO

rabiscado de jardim de infancia - a literatura - pode-se dizer: é uma arvore que nem vive do prestígio da sombra.

E olhem, nunca tivemos um Sonetista, embora nossos ho-

### Wladimir DIAS PINO

mens - de - pensamento, preferissem, desde o inicio, uns versos faceis, ao estudo cansativo dum ensaio.

Fica dito que não temos ensaista, mesmo agora, até.

Nossa literatura nem tem separação entre o Romantismo e o Simbolismo.

E' uma coisa plana (na altura do nivel do mar).

Comedia que diverte e irri-

ta, ao mesmo tempo. Chega, até, ser ladeira. Nunca tivemos rumo, tambem. Nunca tivemos correntes. Mas não é tudo: tem

a côr da poeira quieta dos arquivos esquecidos longe da côr avermelhada dos campos de batalha. Se mostrando vazia como um cartão de convite, naquêlê vontade de dormir, de a-

brir a boca só p'ra bocejar.

Cinematografia de sombras, por gentileza.

Ah! já ia me esquecendo, nossos poetas são piões.

Produzem um ruido de bezerro. Rodam, rodam e não saem do lugar decorando aquêlê música única. E o pior é que quando se aprofundam dois dedos a terra os obriga parar.

E' pouco ainda: é, sempre,

uma literatura improvisada. Deitada, chocando pedrinhas.

E' uma especie de artigo comprado em queima de fim de ano.

De vóz fina.

Fica assim parada como se olhando imbecis.

Em outras palavras: é conversa fiada, é velho cheio de desculpas e reumatismo.

O intensivismo é Simbolismo duplo. Além da imagem está outro significado poetico. Por exemplo:

E, debaixo de tantas emoções noto, lá embaixo os caminhos, como braços.

O simbolista olhando de cima logo apresnta a imagem dium braço estendido, mas o intensivista vai além.

Começa dizendo os braços é aquilo que buscam as coisas para junto do coração, ou mandam embora.

Continua no próximo numero



## Em busca do intensivismo



### SUBJETIVISMO

Poema de OTHONIEL SILVA

ERA UM RAIOS X  
PARA A ÁGUA  
A SOMBRA QUE LHE ATRAVESSA O VOLUME  
POUSANDO  
(COMO UM GRANDÊ PASSARO)  
NO FUNDO DA PISCINA

O RAIOS X é luz, mas para aquela piscina de luzes a sombra era o raio X. Era uma sombra envêz da imagem refletida. A água não chegava a ser um espelho. Era mais cruel.

\*\*

A sombra atravessando a água. A sombra é tão fragil atravessando a água. A sombra rombuda. Chata. A sombra que desaparece com a luz, agora, deitada onde deitaram luas e sóes, e, que ainda é um feixe de luzes. É o silêncio da sombra. É como si fosse o silêncio visível da própria piscina. Piscina sem banhistas com a sombra no fundo, como um cadaver. O silêncio de pouso. Silenciosa como se fosse pintada. Sombra mole (sem ser rasgada pelas ondas, sem se mover) no fundo duramente exato da piscina.

Um peixe feito de sombra com pouso de pássaro, Silêncio, mais ainda.

\*\*

Sombra -- mancha que a água não pode lavar

\*\*

A água que deforma em ondas as cousas naturais, agora com uma onda negra no fundo, parada, deformando a piscina cheia de luzes.

\*\*

A sombra é tão leve! —mas, como a sombra não fica boiando como uma náu extranha?... É alguma cousa que a faz pesada!

\*\*

É que a piscina é feita de luzes não vindas do fogo, mas das águas.

\*\*

A sombra é a âncora do homem que está olhando a piscina.

A imagem do homem sahiu lavada.

Silêncio fagueiro paralisa por completo o concerto imenso do infinito, como se as luzes fôscas da penumbra que extasia o vasto salão do Universo, se houvesse para outras de maior intensidade luminosa, transformarem o cenário em cintilações de pedras preciosas.

Tôda natureza repousa embevecida na serenidade meiga do clarão noturno.

A Terra tôda é silencio; nem o vento com suas rajadas acariciosas,

## Uma Noite de Luar

se acoraja para quebrar a calma que nela reina! maior dos meridianos! As estrêlas, por traz da claridade nítida do luar, em filigramas de

### Amaral Júnior

A abóbada celeste, bem nos lembra uma árvore de natal com a sua multiplicidade de ornatos de variegadas espécies.

A lua descreve em sua rotina retilinea, o

lumes cintilantes, realizam o mais complicado emaranhado da "arte moderna", com traços encandescentes qual fios diamantinos em forma de "têias" pairando

pelas camadas frias da atmosfera a embelezalas, com o esplendor dos seus raios, na mais excelsa elevação estética.

Inebriado com a indescritível maravilha dêste quadro encantador, magistralmente pintado pela mão divina do Creator, após contempla-lo por horas a fio, é que o Homem volta-se a si mesmo e vê quão débil e pequeno é o Sôr humano diante da grandeza incensurável e bondade eterna do mais Supremo dos Sêres.

Enfim, do pó viemos e para êle voltaremos.....



LUZ inteligente, que aflora sugestiva, sôbre a cadência da paisagem nascente de Vida.

Dos píncaros aos vales e a todos os extremos, flutua a perenidade de um desabrochar, na Glória de progredir.



Pela fôrma extranha daquela solicitude esmagadora, demonstrada por aquele humilde e simplório piedoso, vislumbrava-se a perfeição selvagem de um farrapo humano.

Caminhando solitário e pensativo nos campos desertos, observando a natureza, senti uma vontade imensa de penetrar-lhes o espirito, conhecê-lhe os segredos d'alma e ouvir as suas vozes. Comecei com a terra. Esta, num gemido profundo, assombroso e lascinante, falou-me: — Homem cruel... Tu que saíste de mim e que a mim hás de voltar; tu que abrigas confortavelmente sob a minha massa protetora; tu que alimentas de tudo que sai de minhas entranhas, que expandes a tua vaidade com os metais e pedras tiradas brutaemente do meu ventre esquecendo-se que de nada te adianta a opulência, pois, voltarás a ser o que eras antes dos primórdios de sua vitalidade; melhor seria homenagear-me e tratar-me com mais carinho. No entanto, calca-me, esmaga-me e despreza-me, esquecendo-se de mim, só se lembrando para utilizar-me e nada mais; ainda ousas interrogar-me com essa calma chocante e impertubável? Homem cruel... Hás de voltar um dia ao meu seio, e, antes que tornes a ser igual a mim, deixarei primeiro que os vermes banqueteiem em tua massa nojenta para castigo de teu orgulho.

O meu sofrer é tanto,

# Momentos

escreveu: OTHONIEL SILVA

Para uma môsca granfina, o melhor e mais luxoso campo de aterrissagem, é a pranchêta nova do desenhista pobre e vaidoso.



Aconteceu esquecer-me por um instante — instante que parecêra-me uma vida — no bolso da consciência, a bri-

lhante moeda da minha própria razão. E, como nêsse transe, houvesse-me ausentado do Sér, fui espectador do drama em que era eu, o único ator.



A clara-boia, era o sol do quarto, onde a jovem «possuía» o seu firmamento de êxtases.

## Lamúrias da Terra

FRANCISCO A. RIBEIRO

que, às vezes saem-me feridas e nelas derramo tantas lavas quentes de ódio e furor que ficas assombrado. Por causa dessa tua indiferença deante do meu sofrimento que nessas ocasiões engulo-te vivo.

Para vingar-me de tuas maldades, as vezes parto os meus ossos de cristais e racho minha face onde pisas com asco, para

devorar-te juntamente com as tuas multiplas realizações de artes tiradas do meu vasto potencial.

A única satisfação de alegria, é quando meu esposo o Sol beija-me a fronte com os seus raios. Mas, após êsses beijos quentes e doces, vem a tristeza e ódio, porque o meu esposo, tem uma amante, a Lua. E, a negra Noite, por todos

## ENTRELINHAS

Ao João A. Neto,

Aqueles pedaços de taquáras,  
que se entrecruzam,  
a moda cordeiras, ali no quintal,  
apinhados de roupas pobres...  
roupas molhadas, esburacadas...  
Com as mangas das camisas e paletós  
voltadas para baixo...e  
os cós das calças nos prendedores,  
dão uma vaga ideia de Nuremberg...  
Vejam, como estão a gotejar...

Silva Freire

No cruzamento das ruas, a esquina é o mais compenetrado dos vigi-as fixos.



.... Caí das nuvens e ví estrelas, no momento do seu sorriso!,... E despertei em decúbito dorsal... era madrugada!



Será que existiu de fato uma «Fruta Proibida» entre ADÃO e Eva? !.... Se era proí-da, porque Êva ofereceu e Adão aceitou?!

Continúo cismando que a cobra estava inocente!...

despresada porque é má e só serve de latibulo ao crime, para infringir o mêdo, e incobrir o que é belo, com seu sorriso cruel e cheio de veneno mostra-me os amores do meu esposo o Sol com a Lua. Em vã o o vento procura consôlar-me acariciando-me os cabelos verdes, cantarolando uma canção alegre que só nós a compreendemos: - Terra, Terra, és rica, és bela. Se teu esposo é rei, tu és rainha.

Veja o coração da Lua: é um abismo escuro sombrio e anacrustico. Porque ao contrario de ti ela não é esposa é apenas, comprada, para saciar os desejos irregulares que manchariam uma rainha. — E com vóz emocionante a Terra me diz lacônicamente: Ela é uma ladra. Um dia hei de tragar, tambem, a Lua. Estremeceu-se, e parecia querer engulir-me todo. Subito, veio o vento suave, parecia que conversava com ela, uma palestra que eu não compreendia, para mim não passava de um fino e confuso zunido. Foi a minha salvação. Retirei-me, mansamente, e, não quiz consultar e penetrar no espirito de outros seres da natureza.

Talvez tinham, tambem, suas magoas contra os homens.



# AZAS

**A**bertas em iris, pelo espaços interminos, esvoaçam as azas, vôam a regiões antigas ennevoadas de dolência e de lenda, ás velhas maravilhas do mundo: - pelos Jardins da Babylonia, pelas Pyramides do Egypto. Vão á Persia, palpitar no fulgôr de alcatifas e tapeçarias; vão á Arabia, voar entre os incensos orientaes e, condorisadas, sempre pelas fulvas, fagulhantes opulencias do Oriente em fóra, ruflar e subir, perder-se além das esguias agulhas alanceoladas das mesquitas, que arrójam para o firmamento as lithurgias mahometanas...

E as azas flavescem, doiram-se ao Sól prisco dos tempos, á chama accêsa da Immortalidade — porque as Azas são o Desejo, o Sonho, o Pensamento, a Glória—que tomam assim sempre essa fórmula, mil vezes, alada, peregrina, errante, das azas.

Porque a Fôrma, a Fôrma é esse ancilar para o alto, esse fremente ruflar e abrir largo d'azas impulsionadas na Luz, na refulgencia das Estrêlas, de onde, a música a harmonia pura de Arte, serena e rythmalmente canta...

Mas, essa Fôrma que abre, cinzelada em astro flamejante, essa mesma Fôrma sae pontuada de lágrimas, como um relicario onde eternamente ficassem guardadas as hóstias impoluidas de um amor sideral infinito.

Por CRUZ e SOUZA

E essas mesmas lágrimas são azas — azas espirituaes, partindo da fremencia de um sentimento doloroso, pungente, que nos alanceia, impaciente e agita em febre — sentimento fundamental do Profundo, do Vago, do Indefinido...

Turbilhões d'azas, turbilhões d'azas — azas, azas e azas immensas, amplas, largas, infinitamente rufladôras, infinitamente, infinitamente, cruzando-se e accumulando-se nos tempos, nas orgias bacchicas do Sól, nas deblaterantes e atroantes nevroses das tormentas, no rouco e surdo regougar de epilepsias satanicas dos ventos.

Azas leves, finas, borboleteantes, phalenasas, dos magnificentes, dos radiantes, dos delicados, dos febris, dos imaginosos, dos vibráteis, dos penetrantes, dos emotivos, dos subtis, curiosas abêlhas d'ouro, inséctos flavos do sül, esmeraldas e meteóros voejantes e azas gigantescas, condoreiramente titanicas, dos herculeos Prometheus do Sentimento da Fôrma.

Tudo recebe singularidades, impressionantes transfigurações de azas — azas que abrem e tumultuam com vertiginoso e confuso tropél nos Céus, que da Terra vibrando partem, azas, azas e azas, em enigmas sphingicos, num anseio, num frémito, num delirio de alcançar, subir além, maravilhosamente subir, com pujanças repurificadôras e a magestade melancolica das aguias, á Aspiração Suprema!

## BENDIGO

Bendigo a dor extrêma que tortura  
E que minha alma deixa escravizada,  
E o cálice repleto de amargura  
Que vou bebendo pela minha estrada.

Bendigo a minha grande desventura  
De ser como a tapéra abandonada  
Que se assemelha a simples sepultura  
De uma remota geração passada.

Bendigo a vida cheia de incerteza,  
E tudo quanto o meu olhar profundo  
Penetra pelo prisma da tristeza.

Bendigo tudo em que a tristeza medra,  
Porque, só vive alegre neste mundo,  
Quem trás no peito um coração de pedra.

*Agenor Ferreira Leão*

## DIAMANTE CELESTE

Não maldigas a dor que te crucia,  
Nem tão pouco te ponhas a chorar!  
—Pensa em Deus, curte a dor. põe-te a rezar..  
—Essa dor que te é má, — benéficia...

Ela é a prova do mal que alguém fazia  
Ante a Lei da Harmonia, sem pensar!  
—Estás como o pavio a se queimar  
Para a tua alma em luz tornar-se um dia.

A Dor é a forja ardente e causante  
Que o ferro de nossa alma retempera,  
Ao serviço de Deus, edificante.

Não maldigas a dor que te lacera!...  
—Na Terra, és tu do céu raro diamante,  
Que, após a lapidar, o céu te espera!...

*Manoel R. Lino*